

Ensinar e aprender em tempo de COVID-19: entre o caos e a redenção



José Matias Alves | Ilídia Cabral (Eds.)

Prefácio

João Costa

Mai 2020

Ficha técnica

Título: Ensinar e aprender em tempo de COVID 19: entre o caos e a redenção

Organização e Edição: José Matias Alves & Ilídia Cabral

Prefácio: João Costa

Autores: Adília Cruz, Alexandra Carneiro, Ana Luísa Melo, Ana Paula Silva, Anabela Macedo, Anabela Sousa, António Oliveira, Carla Baptista, Cristina Palmeirão, Diana Soares, Fernando Paulo Sousa, Hélder Martins, Ilídia Cabral, Irene Cortesão Costa, Isabel Lage, Joaquim Azevedo, Jorge Machado, Jorge Nascimento, José Matias Alves, Letícia Silva, Lídia Santos Sousa, Lília Silva, Luísa Pereira, Manuela Gama, Maria José Tavares, Marisa Carvalho, Paula Mota, Pedro Jesus, Raquel Duarte, Rogério Gonçalves, Rui Pedro, Sandra Lídia Rodrigues, Sofia Mendes, Sónia Soares Lopes, Vitor Alaiz.

Paginação: Francisco Martins

Data: maio de 2020

Local de edição: Porto

Edição: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

ISBN: 978-989-54364-6-0

12. O ensino e a aprendizagem em tempos de COVID-19 à luz da teoria da ação comunicativa de Habermas

Ilídia Cabral | ilidiarv@gmail.com

Professora Auxiliar da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa | Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano (CEDH) da Universidade Católica Portuguesa

O contexto deste texto

A 12 de março de 2020 o Primeiro-Ministro português anuncia o encerramento de todas as escolas do país a partir do dia 16 do mesmo mês, para tentar conter a propagação do surto de Covid-19. Os impactos do SARS-CoV-2 chegam, assim, à Educação. Em pouco mais do que um fim de semana, escolas e professores preparam-se para uma modalidade de ensino *online*, na tentativa de *fechar o 2º período* e ainda na expectativa de um 3º período escolar *normal*. Tal não aconteceu e as aulas de todos os alunos do básico e secundário mantiveram-se em regime *online*.

Neste cenário, as organizações escolares do país foram-se reinventando (umas mais, outras menos), para tentarem continuar a assegurar o ensino nestas condições extraordinárias, mas incontornáveis. Por entre planos de contingência mais ou menos estruturados, mais ou menos lógicos e mais ou menos eficazes, o sistema de ensino e aprendizagem foi-se movendo, efetivamente, entre o *caos* da incerteza, do desconhecimento, da ausência de fronteiras e da fragmentação e a *redenção* de quem encontrou na crise uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento profissional e organizacional.

Neste texto procura-se analisar e explicitar este binómio *caos-redenção* na Educação em Portugal durante o período da pandemia, a partir da mobilização da Teoria da Ação Comunicativa de Habermas, ilustrando a análise feita com pequenos episódios, narrados com base em testemunhos reais de pais, professores e alunos.

A Teoria da Ação Comunicativa de Habermas e o caos nas escolas

Habermas, um dos mais prestigiados filósofos e sociólogos contemporâneos, desenvolveu a *Teoria da Ação Comunicativa*, teoria com um elevado potencial

explicativo da ação organizacional em geral, mas que tem vindo a ser, também, aplicada em particular às organizações escolares.

Nesta teoria, o autor distingue entre *sistema* e *mundo da vida*. O sistema é entendido como a esfera social regida por mecanismos autorregulados como o mercado e o poder administrativo, enquanto que o *mundo da vida* é visto como a esfera regulada pela busca do entendimento através de procedimentos mediados linguisticamente e engloba três componentes estruturais: cultura, sociedade e pessoa (Habermas, 1987).

Defende Habermas (ibid.) que, nas sociedades modernas, temos assistido a uma progressiva *colonização do mundo da vida pelo sistema*, ou seja, a modernização social levou a que o mundo da vida, progressivamente racionalizado, perdesse potencial comunicativo e caísse sob a dependência do sistema. Assistimos, então, a um paradoxo, no qual a racionalização do mundo da vida torna possível a emergência e o crescimento de subsistemas, cujos imperativos se voltam definitivamente contra o próprio mundo da vida.

O sistema tende a ser regido com base numa administração burocrática que assume a função de coordenar as mais diversas ações, arrastando-se para a periferia os processos comunicativos mediados linguisticamente, típicos da organização do *mundo da vida*. Desta forma, assistimos a uma reificação das estruturas simbólicas do *mundo da vida*, levada a cabo pelos imperativos sistémicos que se tornam autossuficientes (Habermas, 1984, 1987). A *colonização do mundo da vida* dá-se quando os imperativos sistémicos retiram os elementos prático-morais das esferas públicas e privadas da vida. Assistimos, assim, à monetarização e à burocratização quotidianas em ambas as esferas.

A teoria da ação comunicativa pode ajudar-nos a compreender o processo de burocratização habitual da escola, mas principalmente em tempos de COVID-19. De facto, com a passagem das *aulas* para dentro de casa, o Estado, mesmo que indiretamente, passa a regular, vigiar e penetrar nas relações familiares de uma forma intrusiva e que ameaça o equilíbrio do *mundo da vida*, que passa a ser regulado pelos imperativos do sistema educativo. É nesta tentativa de colonização que se gera o *caos* que ilustramos em cinco atos na secção que se segue.

A força do sistema em cinco atos – ilustrações educativas em tempo de COVID-19

Nesta secção do texto narram-se cinco práticas educativas que obedecem à lógica do *sistema*, ou seja, a uma lógica eminentemente burocrática, gerando o caos e o desencontro entre os diferentes elementos do sistema. Estas são narrativas produzidas com base em experiências reais que ocorreram desde o encerramento das escolas.

1. Diário de uma dona de casa desesperada

12 de março de 2020 | quinta-feira

A situação com a COVID-19 agrava-se em Portugal. Percebo que muito em breve, vou ter que ficar em casa a trabalhar. O governo decretou o fecho das escolas em todo o país a partir da próxima 2ª feira. Não sei como vou gerir isto...

13 de março de 2020 | sexta-feira

Estive ainda a trabalhar normalmente. Fui ao supermercado e trouxe mantimentos para bastante tempo. Fui ainda jantar com os meus pais.

15 de março de 2020 | domingo

A empresa decretou teletrabalho. Saída rápida para ir à Staples comprar tinteiros e folhas. Isto com os miúdos não vai ser nada fácil...

16 de março de 2020 | segunda-feira

Primeiro dia de aulas a distância dos miúdos. Levantei-me, arranjei-me e acordei os três. Pequeno almoço e preparação da mesa da sala para que os três possam estudar lá: um computador antigo que *vai dando para o gasto* e um tablet. É tudo o que se pode arranjar.

Abro o meu email enquanto os três se pegam à bulha na sala. Tenho sete emails do Agrupamento de Escolas. Um do professor do Manel, com uma série de fichas e atividades para imprimir e para ele fazer ao longo da semana (e ainda vamos no que que está no 1º ciclo...). Outro, da Diretora de Turma do João, a reencaminhar fichas das 9 disciplinas do 6º ano, todas para fazer e enviar por email e cinco emails dos professores

do Zé (como está no 9º ano e há mais disciplinas, suponho que ainda vou receber mais emails).

Corro para a impressora e começo uma produção de dossiers em série para cada um dos meus filhos...

Entretanto, vou ao congelador tirar alguma coisa prática para fazer para o almoço e no caminho olho para a pilha de roupa que está no escritório (dispensei a D. Augusta por tempo indeterminado, porque a senhora tem diabetes e não podemos arriscar...).

Embalada pelo som da impressora, penso que devia levar umas frutas e uns legumes aos meus pais para não terem de sair de casa e começo a estruturar mentalmente o plano de contingência que me pediram na empresa até amanhã...

17 de março de 2020 | terça-feira

Dormi quatro horas. Passei o dia de ontem a organizar os materiais e as atividades dos miúdos, a tentar resolver os problemas tecnológicos deles, a enviar evidências do trabalho aos professores, a cozinhar, a limpar e a não conseguir trabalhar nem um terço do que precisava. Consegui trabalhar um pouco a partir das 22h30, depois de deitar os três, e acordei às 5h00, para conseguir adiantar trabalho antes de eles acordarem e começar tudo de novo. Estou exausta...

20 de março de 2020 | sexta-feira

Chega. Não aguento mais. É impossível ter os três a estudar no mesmo espaço ao mesmo tempo, fazer o meu trabalho e verificar as aprendizagens de cada um, procurando explicar-lhes o que não percebem. Desisti, em nome da minha sanidade mental.

O Zé que estude sozinho e que faça o que conseguir, que já é grandinho. Os outros dois, fazem turnos. De manhã está um na *Playstation* e o outro a estudar e depois trocam. Fazem o que puderem, como puderem e quando puderem. Porque eu... não posso mais!

2. Luzes, câmaras, classificação!

Excerto de um email da escola:

Informamos os Exmos. Encarregados de Educação que neste período escolar os testes serão feitos online a partir da plataforma X. Os alunos deverão ter as câmaras ligadas durante a realização dos mesmos.

Exemplo de uma escola que, ao invés de se preocupar com a manutenção das aprendizagens dos alunos, se preocupa com a manutenção das práticas instituídas, mesmo quando completamente desajustadas da situação que vivemos. Vamos lá contribuir para o *show!* Fazemos de conta que está tudo igual e que faz imenso sentido usar testes *online* como forma de classificar os alunos: *Luzes, câmaras, classificação!* E podemos todos dormir tranquilos porque teremos, certamente, evidências fidedignas para sustentarmos as classificações finais dos nossos alunos. Ou não...

3. Comunicar para desinformar

O telemóvel tocou. Era a Diretora de Turma da Sara, preocupada, porque esta não tinha realizado uma das tarefas de trabalho autónomo que lhe tinha sido enviada. Achou estranho, pois apesar de a Sara não ser propriamente uma *aluna modelo*, normalmente cumpria com as tarefas propostas. Falou com a filha, num tom um pouco agressivo, de quem avisa que não vai tolerar *baldas* só porque agora se trabalha a distância. A Sara começou a chorar: “Mãe, se tu soubesses...” e mostrou-lhe a caixa de entrada do email da escola, onde se encontravam dezenas de emails de todos os seus professores. Percebeu, então, que de cada aula *online* que a Sara tinha, e que estão devidamente marcadas no calendário da plataforma, todos os alunos da turma recebem um email a avisar que a aula vai começar. Há professores que, não contentes com isto, enviam muitos outros, avisando os alunos para não se esquecerem de fazer o trabalho autónomo, relembrando que o caderno diário é muito importante e deve estar organizado, relembrando o trabalho de casa... O resultado são dezenas e dezenas de emails estéreis, que não servem para nada a não ser para impedir os alunos de conseguirem detetar os poucos emails que realmente importam, como aquele onde estava a tarefa que a Sara não fez...

4. Um, dois, três: toca a saltar (nem que a avó se passe...)

No início as coisas fizeram sentido. A professora de Educação Física apresentou aos alunos uma série de jogos e de atividades que estes poderiam fazer quando

quisessem com os seus familiares, nas varandas, nos jardins, ou mesmo nos espaços exteriores adjacentes a casa. Depois, teriam que enviar um email à professora a dizer como tinha corrido. Mas isto só durou duas semanas, porque o sistema não se compadece com flexibilizações deste género que podem deixar os *malandros* dos alunos sem fazer Educação Física. E como é o sistema (neste caso, a escola) que sabe o que é melhor para os seus alunos e para as famílias, há que fazer Educação Física *à força*. Vai daí, as aulas desta disciplina passaram a ser *online*, com a professora Paula a esgueirar-se para cima e para baixo, para um lado e para o outro... e um, e dois... e vamos lá... e venham comigo... e eram flexões e abdominais e torsões e outros que tais, num rodopio de movimentos que todos deviam imitar em casa.

O António estuda num quatinho que partilha com a avó durante o dia, desde que começaram as aulas *online*, porque os pais estão na sala em teletrabalho e a irmã mais velha estuda no quarto e precisa de muita concentração, porque já está no secundário. A avó tem a televisão ligada o dia todo e vai-se entretendo com os programas da Cristina e da Júlia, que ouve em alto e bom som para não perder pitada. O António usa os auscultadores para não perturbar a avó quando está nas aulas. Na primeira aula de Educação Física *online*, pôs os calções e lá foi ele: para cima, para baixo, para um lado, para o outro, flexão, abdominal e “Ops! Saltem comigo!” A avó do António ficou doida: “Olha que o moço está maluco! Tu queres ver? Pára quieto ó rapaz! Que te dou já duas que te viro!”. O António desligou a câmara, sentou-se e ficou a ver a professora em rodopios ofegantes... E assim fez em todas as aulas desta disciplina, com medo de levar *duas lamparinas que o virassem*... Passados alguns dias, chega o telefonema: “A professora de Educação Física está muito preocupada. Diz que o António não está a ligar a câmara e que não sabe se ele está mesmo a fazer as aulas... Passa-se alguma coisa?...” Não, senhora professora. Não se passa nada. É só a vida a acontecer. Em tempos de COVID-19.

5. *Qu’isto agora nem há fins de semana*

Liguei à Cristina para saber se estava tudo bem com ela. A Cristina é uma entusiasta. Põe o máximo de si em tudo quanto faz. E neste tempo de ensino a distância forçado, foi a primeira a querer aprender, reaprender, estar presente, fazer diferente, pensar, refletir e ajudar os colegas.

“Está tudo bem, amiga! Esta semana já assisti a três *webinars* espetaculares: um sobre planejamento da ação educativa, outro sobre gestão curricular e outro sobre avaliação. A Odete não está a conseguir lidar com isto, coitada! Por isso eu preparei-lhe tudo no Teams, ontem à noite, para ela só ter que aparecer. E olha, o Diretor voltou a cravar-me para colocar aqueles conteúdos interativos na plataforma que aprendi no curso *online* da semana passada. Eu ainda tentei dizer que estava sobrecarregada e tal, mas ele diz que ninguém faz como eu... Bem, o que vale é qu’isto agora nem há fins de semana e acabei por fazer isso no domingo. No sábado não deu porque tive que ir às compras para mim e para os meus pais e a casa já estava uma vergonha e tive que dar um jeito. As reuniões de organização do plano de ensino à distância é que vão ter que passar para as 19h, porque entre as 18h00 e as 19h00 tenho que ver as tarefas dos miúdos cá em casa e não consigo antes. Mas olha, o que interessa é resolver, não é?”

Não, Cristina. Não é. O que interessa não é (não pode ser) resolver a qualquer custo. Claro que nestes tempos tão atípicos e difíceis, todos tivemos que fazer cedências e trabalhar ainda mais e fora de horas. Mas não pode deixar de haver qualquer tipo de fronteira entre o trabalho, a família e a vida pessoal, sob pena de não aguentarmos mais e deitarmos tudo a perder. É importante que as fronteiras sejam porosas e permitam alguma flexibilidade, mas não podem, simplesmente, desaparecer. Porque com esse desaparecimento desaparecerão dimensões essenciais da vida, das quais precisamos para nos alimentarmos e continuarmos a ser os melhores profissionais que pudermos. Não é tempo de nos perdermos no sistema, mas sim de o humanizar, com sageza, espírito crítico e uma gestão eficaz de prioridades feita coletiva e colaborativamente. É tempo de deitar fora o que não faz sentido na Educação e de nos unirmos em torno de objetivos comuns, exequíveis e pertinentes. Dentro das fronteiras que nos preservam do caos e nos abrem as portas para a redenção.

6. Do mundo da vida e da esperança na redenção

É na resistência à *colonização do mundo da vida pelo sistema* que encontramos práticas de *redenção* que devolvem à Educação a capacidade de regulação através de procedimentos mediados linguisticamente de que nos fala Habermas. E estas práticas são uma vitória do sentido sobre o absurdo das medidas burocráticas que nada mais conseguem do que conferir a ilusão do comando e do controlo à cegueira dos sistemas.

Felizmente, a par do *caos*, existem muitas práticas que se regem por uma comunicação clara e clarificadora, redimindo o sistema de uma ação padronizada e acrítica, tendencialmente nefasta para todos os envolvidos. Como a escola profissional que levou os computadores da escola para casa dos alunos que não tinham meios para trabalhar em casa. E que levou também, porta a porta, as maquetes que estes estavam a desenvolver, para que pudessem continuar a trabalhar nelas. E que passou a pedir aos seus fornecedores que os ingredientes e componentes necessários para o trabalho prático passassem a ser entregues diretamente em casa dos alunos. E como os professores que criaram colaborativamente blogues e e-portefólios onde colocaram inúmeros desafios de entre os quais os seus alunos puderam escolher os que mais os motivaram. E como os professores que se juntaram para analisar os conteúdos que faltava trabalhar naquele ano de escolaridade e substituíram as aulas *online* por um projeto integrador a partir do qual os alunos estão a trabalhar de forma articulada competências e conhecimentos de diferentes disciplinas. E ainda como a professora que aproveitou as *aulas online* para trabalhar com os alunos a criatividade, a autonomia e o sentido crítico, desafiando-os a pensar para além das barreiras da sala de aula e acabou por descobrir talentos incríveis que só faltava regar.

A manutenção da tendencial regulação das escolas através de processos excessivamente burocratizados que não levam em consideração as características particulares da situação que estamos a viver, pode colocar em risco a liberdade pedagógica, a iniciativa do professor e, em última análise, chegar mesmo a desresponsabilizá-lo pelas aprendizagens dos alunos, que são aquilo que, no meio de todo este *caos*, nos deveria verdadeiramente nortear. Mas para que tal possa acontecer, é imperativo que se desburocratize o processo pedagógico e que haja uma tomada de decisão que considere o bem-estar e as necessidades de todos os agentes atualmente envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem.

Que o progressivo desconfinamento que iniciamos por estes dias possa corresponder, também, ao desconfinamento das ações irracionais, há tanto tempo presas na teia burocrática de um sistema que se mostra, quantas vezes, impiedoso para com o mundo da vida.

Referências bibliográficas:

Habermas, J. (1984). *The theory of communicative action* (Vol. 1). *Reason and the rationalization of society*. Boston: Beacon Press.

Habermas, J. (1987). *The theory of communicative action* (Vol. 2). *Lifeworld and system: a critique of functionalist reason*. Boston: Beacon Press.